

# A APROPRIAÇÃO DO CONCEITO DE ENCARNAÇÃO DE HEGEL POR SLAVOJ ŽIŽEK PARA PENSAR O CRISTIANISMO

Fabiano Veliq<sup>1</sup>

**RESUMO.** O presente artigo tem como objetivo elucidar a leitura de Žižek sobre o conceito de encarnação de Hegel e evidenciar como que tal leitura abre a possibilidade para o filósofo esloveno pensar o cristianismo como religião ateia uma vez que Žižek lê o tema da encarnação como o momento em que Deus se torna de fato homem, ou seja, Deus é esvaziado de sua divindade no cristianismo. Na encarnação Deus se torna homem de fato, ou seja, na leitura de Žižek o cristianismo proporia a morte literal de Deus que esvaziaria o mundo de todo princípio transcendente, abrindo para o homem a possibilidade da liberdade plena da ação em um mundo plenamente aberto. Para nós tal leitura de Žižek do conceito de encarnação de Hegel abre perspectivas interessantes para repensar o conceito hegeliano de encarnação e suas implicações, além de ser uma chave de leitura interessante para pensar alguns aspectos do o cristianismo na contemporaneidade.

Palavras-chave: Encarnação, Deus, Homem, Cristianismo

**ABSTRACT.** This article aims to elucidate the reading of Žižek on the concept of Incarnation of Hegel and to show how such a reading opens the possibility for the Slovene philosopher to think of Christianity as an atheistic religion since Žižek reads the theme of incarnation as the moment in that God becomes indeed man, that is, God is emptied of his divinity in Christianity. In the incarnation God becomes a man in fact, ie in the reading of Žižek Christianity would propose the literal death of God that would empty the world of every transcendent principle, opening to man the possibility of full freedom of action in a fully open world. For us, such a reading of Žižek's concept of the incarnation of Hegel opens up interesting perspectives for rethinking the Hegelian concept of incarnation and its implications, as well as being an interesting reading key for thinking about some aspects of Christianity in contemporary times.

Keywords: Incarnation, God, Man, Christianity

O conceito de encarnação que Hegel propõe na *Fenomenologia do Espírito* é uma nova leitura do tema no contexto do século 19 e abrirá possibilidades grandiosas para a teologia daquele século, pois evidencia uma leitura radical do conceito de *Kenosis* bíblica evidenciando que na encarnação o que é revelado é a plena união entre

---

<sup>1</sup> Doutorado em andamento em Filosofia na Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG).

o divino e o humano. Na pessoa singular do Cristo estaria sendo explicitada esta união entre Deus e humanidade de uma forma visível. Dessa forma Hegel está abrindo a possibilidade para uma nova relação do homem com Deus, pois na encarnação o infinito se mostra na finitude em formas determinadas. Na encarnação a essência divina assume a natureza humana, faz-se carne, ela torna-se outro de si na presença sensível, uma figura particular da essência divina. Esta seria a consciência para-si da essência divina como fora de si na imediaticidade natural e sendo assim ela é negação da universalidade abstrata da essência divina em si mesma. Žižek se apropriará desta proposta hegeliana de uma maneira muito singular para evidenciar que o cristianismo tem no seu núcleo uma proposta ateia, pois no cristianismo Deus se torna de fato homem e na sua morte o que estaria evidenciado seria de fato a morte de todo Deus transcendente. Deus se une à humanidade de maneira literal abrindo com isso a possibilidade de pensar um novo mundo plenamente aberto e o lugar da liberdade plena do homem que não tem agora nenhum transcendente sobre si e é, portanto, imbuído de uma responsabilidade única de agir no mundo como único lugar possível onde alguma noção de Deus seria possível.

Falar sobre qualquer assunto que envolva Hegel já se mostra uma tarefa extremamente ousada dada o excesso de textos, estudos, teses e dissertações que se produziram sobre o importantíssimo filósofo alemão. No entanto, como qualquer clássico, os assuntos sempre podem ser revisitados e reinterpretados à luz de novas teorias e formulações, e é este um dos motivos pelos quais esse artigo ganha vida.

O tema central desse artigo é evidenciar como que a noção de encarnação proposta por Hegel para pensar a religião cristã na *Fenomenologia do Espírito* se torna crucial para o filósofo esloveno Slavoj Žižek formular a ideia de que o cristianismo seria uma religião ateia.

A encarnação<sup>2</sup> é fundamental para Hegel, pois se o divino tem de aparecer, o espírito invisível tem de ser unido com algo visível de modo que tudo possa ser unificado, de modo que possa haver uma síntese completa, ou uma perfeita harmonia.

A religião cristã se desenvolverá nesse período em seu caráter propriamente metafísico e desembocará nas questões colocadas pela *Fenomenologia do Espírito*. Como aponta Hyppollite,

---

<sup>2</sup>Temos ciência que o conceito de encarnação é um conceito extremamente amplo com uma grande história tanto na teologia cristã bem como em toda a obra hegeliana. Neste sentido que restringimos o estudo da noção de encarnação na obra *Fenomenologia do Espírito*.

A fenomenologia, era para Hegel, consciente ou não, o meio de oferecer ao público, não um sistema já pronto, mas a história de seu próprio desenvolvimento filosófico. Após conhecermos os trabalhos de juventude, aqueles de Stuttgart, Berna, Frankfurt, compreendemos melhor o que significa a Fenomenologia do Espírito.<sup>3</sup>

Em sua *Fenomenologia do Espírito* (FE)<sup>4</sup>, Hegel se dedica a investigar a religião como parte do desenvolvimento do Espírito. Após percorrer as figuras da Consciência, da Consciência de si, da Razão e do Espírito, surge a figura da Religião que é compreendida como autoconsciência do Espírito, ou como consciência da essência absoluta. Para analisar a religião Hegel se propõe a dividir tal análise da religião a partir da Religião natural, Religião da Arte e a chamada “Religião manifesta” (*Die offenbare Religion*) que constitui o terceiro momento do capítulo VII da FE. Como sintetiza Silva,

No primeiro momento, a Religião se apresenta em sua pura imediatez, ou como figura natural na Religião da Natureza (Naturreligion), que corresponde à figura da Consciência. No segundo momento, como espírito que se sabe na naturalidade suprassumida, como produção da consciência de si na Religião da Arte (Religion der Kunst), a qual corresponde à figura da consciência de si; no terceiro momento, a efetividade está na unidade dos momentos anteriores, enquanto em-si e para-si é a Religião Revelada (geoffebare Religion). Na Religião revelada, o Espírito, que se representava como substância imediata e natural (em si) na religião natural e como sujeito pela produção de sua figura na Religião da Arte, encontra a consciência da essência divina, ou seja, sabe-se como é ela, como espírito em e para-si. Nesta religião, sua consciência é igual a sua consciência de si.<sup>5</sup>

A seção *A religião manifesta* se dedica à explicitação do modo como essa revelação ocorre. Esta parte é dividida em 5 outras partes, a saber: I. Introdução (FE 748-757, p. 502-508); II. A encarnação da essência divina e o processo da representação como sua mediação (FE 758-767, p. 508-514); III. O pensar puro e o tornar-se outro da essência divina (FE 768-779, p. 514-521) IV. A autoconsciência universal ou a reconciliação da essência divina com o outro em geral (FE 780-785, p. 521-527); V. Conclusão (FE 786-787, p. 527-529). A parte que será crucial para o nosso artigo, bem como para a apropriação que Slavoj Žižek faz da análise hegeliana da religião para

---

3 HYPOLITE, *Genese e estrutura da fenomenologia do espírito de Hegel*, p. 68.

4A tradução utilizada para a elaboração deste artigo refere-se à edição Brasileira da Fenomenologia do Espírito (Trad. de Paulo Meneses, com a colaboração de Karl-Heinz Effen e José Nogueira Machado, SJ. Petrópolis, RJ. Vozes.; Bragança Paulista: Editora Universitária São Francisco, 2007). A numeração de páginas da Fenomenologia (FE) remeterá sempre a esta edição. Quando não for o caso, será explicitado outra tradução.

5 SILVA, *A trindade na “Fenomenologia do Espírito*, p. 402.

realizar a sua análise própria são as partes “II” “III” e “IV”, e de forma mais específica a parte “II” e a questão da encarnação divina, que será lido por Žižek como o ponto central para dizer que o cristianismo se trataria de uma religião atea.

No entanto, é interessante notar que no início da seção C. *A religião manifesta*, Hegel já evidencia que o espírito avançou da substância à forma do sujeito através da religião da arte, pois ela produziria a figura do espírito e põe nela o agir ou a consciência-de-si. Segundo Hegel, “Essa encarnação [Menschwerdung] da essência divina começa na estátua, que só tem nela a figura *externa* do Si, enquanto o *interior* – sua atividade – incide fora dela.”<sup>6</sup>. De forma que apenas no culto os dois lados tornam-se um e na religião da arte a unidade em plenitude passou ao externo de Si. A proposição que enunciaria isso seria “O Si é a essência absoluta”<sup>7</sup>. Esta constatação gera a dor da chamada “Consciência infeliz” que perde o saber de si, da substância como do Si, dor que se expressa no que Hegel chama “dura palavra”: Deus morreu.

Como afirma Silva (2014),

O foco dessa seção consiste na explicitação do caráter manifesto (na, à, e para a Consciência) da revelação da essência divina na religião que em tal seção se desenvolve e, portanto, no fato de a religião manifesta (die offenbare Religion) mostrar-se como o primeiro momento (ou como o momento imediato) da dialética da religião revelada (die geoffenbarte Religion). Se nesta a essência divina que nela se revela consiste manifestamente em que o que tal essência é torna-se sabido não somente na forma de um *ser para Outro*, mas antes enquanto o *ser para si* que, como ser imediato ou como *ser para Outro*, é imediatamente retornado a si e junto de si.<sup>8</sup>

É isto que permite determiná-la como religião manifesta, de forma que seja acessível a toda consciência exigindo que se vá além da Consciência evidenciando que a essência aí revelada seja Autoconsciência.

Naquilo que chamamos de parte II da seção *A religião manifesta*, Hegel evidenciará que o espírito absoluto que se deu a figura da consciência-de-si em-si aparece como a fé no mundo, isto é, ela crê que o espírito “é-aí” como uma consciência-de-si, ou como homem efetivo, ou seja, a consciência crente “vê e toca e ouve esta divindade”. Segundo Hegel, “A consciência então não sai do seu interior, do

<sup>6</sup> HEGEL, *Fenomenologia do Espírito*, p. 502.

<sup>7</sup> *Ibidem*, p. 503.

<sup>8</sup> SILVA, *A trindade na “Fenomenologia do Espírito”*, p. 429.

pensamento, concluindo dentro de si o pensamento de Deus juntamente com o ser-aí; ao contrário, sai do ser-aí presente imediato, e reconhece Deus nele.”<sup>9</sup>

Esse Deus, portanto se manifesta como Si, como um homem singular, sensivelmente intuído sendo assim consciência-de-si. Essa encarnação da essência divina é o conteúdo do que Hegel chama “religião absoluta”. Nesta religião a essência divina é revelada. Segundo Hegel,

Este homem singular portanto, como o homem que a essência absoluta se revelou ser, consuma nele enquanto Singular o movimento do ser sensível. Ele é o Deus imediatamente presente: assim, o seu ser passou para o ter sido. A consciência para a qual ele tem essa presença sensível, deixa de vê-lo, de ouvi-lo; ela o tinha visto e ouvido, - e só porque o tinha visto e ouvido, torna-se ela mesma consciência espiritual. Ou seja: como antes ele nasceu para ela como ser-aí sensível, agora nasce no espírito. Com efeito, como uma consciência que o vê e ouve sensivelmente, ela mesma é apenas consciência imediata, que não suprassumiu a desigualdade da objetividade, nem a recuperou no puro pensar, senão que sabe como o espírito Singular objetivo, mas não a si mesma. No desvanecer do ser-aí imediato do que é conhecido como essência absoluta, o imediato recebe seu momento negativo; o espírito permanece [o] Si imediato da efetividade, mas como a consciência-de-si universal da comunidade; [consciência-de-si] que em sua própria substância repousa, assim como está é sujeito universal na consciência-de-si. O que constitui o todo completo desse espírito não é o Singular [só], mas sim o Singular junto com a consciência da comunidade e o que ele é para a comunidade.<sup>10</sup>

Percebe-se que Hegel trata a encarnação como um momento em que o infinito se mostra na finitude em formas determinadas. O finito então deve ser uma modalidade que evidencia o preenchimento supremo da verdade religiosa, a saber, a encarnação de Deus. Segundo afirma Viellard-Baron “O espírito consciente de si mesmo em uma figura que não é outra que ele mesmo é o Cristo enquanto Deus-homem.”<sup>11</sup>. Na encarnação se aprofundará a consciência da existência e da vida particular que agora é reconhecida no além inacessível. Neste sentido, o cristianismo é o sentimento do valor infinito da existência singular. Segundo afirma Torres,

O “Filho de David” representará então o surgimento da existência singular no seio do imutável e vice-versa. O imutável se apresenta agora como uma figura, a figura do Cristo histórico. Nela, se dá para a

---

<sup>9</sup> HEGEL, *Fenomenologia do espírito*, p. 508.

<sup>10</sup> HEGEL, *Fenomenologia do Espírito*, p. 191 [763] b.

<sup>11</sup> VIELLARD-BARON, *Comunidade ética e comunidade religiosa na fenomenologia do Espírito*, p. 57.

consciência, a unidade do universal e do singular, da consciência imutável e da consciência mutável, da verdade eterna e da existência histórica. Portanto, na consciência cristã, o além é captado como unido a uma consciência de si, à subjetividade.<sup>12</sup>

Na encarnação a essência divina assume a natureza humana, faz-se carne, ela torna-se outro de si na presença sensível, uma figura particular da essência divina. Esta seria a consciência para-si da essência divina como fora de si na imediaticidade natural e sendo assim ela é negação da universalidade abstrata da essência divina em si mesma. Para que a essência divina possa se reconciliar consigo ela precisa sacrificar a sua imediaticidade para que com isso tal reconciliação seja o retorno à universalidade, mas nesse retorno ela passa a ser consciente de si. Neste sentido é que o homem divino deve morrer.

Como aponta Silva,

O mediador que assume a condição humana é o próprio divino, como particular, ou este homem singular (o Filho), que se reconhece na imediatidade, mas que por uma necessidade intrínseca deve se voltar para esta essência assumindo consigo este elemento de determinação ou de negação de sua essência.<sup>13</sup>

Podemos notar pelo que foi dito até agora que a encarnação de Deus em Cristo é, para Hegel, uma representação histórica e experimental da necessidade, para Deus, de ser externalizado na alteridade em forma humana, com um corpo e com uma história, ela é uma representação de como o mundo e a história humana são parte da natureza de Deus.

Uma vez colocada a questão da encarnação para Hegel, passamos agora a evidenciar a forma como Žižek entenderá tal conceito e como que isso implicará na proposta de Žižek do cristianismo como religião atea.

Žižek é um filósofo esloveno nascido em 1949 em Liubliana na Eslovênia e é um filósofo extremamente profícuo sobre diversos temas tais como cinema, literatura, obras de arte, além de temas da cultura pop, filosofia, etc. Em uma primeira aproximação dos textos em que Žižek trabalha a questão religiosa (2003, 2016, 1991, 2013) já pode-se perceber que a sua metodologia para trabalhar tal tema se difere bastante de um mero “ataque” à religião ou aos religiosos; muito pelo contrário, Žižek

---

12 TORRES, *A consciência infeliz em Hegel: significação e presença no pensamento contemporâneo*, p. 50.

13 SILVA, *A trindade na “Fenomenologia do Espírito”*, p. 405.

demonstra um conhecimento bastante apurado da teologia cristã e em vários momentos traz reflexões tipicamente teológicas para corroborar seu ponto de vista.

Para os propósitos deste artigo nos ateremos à apropriação que Žižek faz da análise hegeliana sobre a encarnação, pois acreditamos estar nela a noção central para o que Žižek define como teologia materialista e a definição do cristianismo como religião ateia.

Žižek pensará que a noção de encarnação como tematizada por Hegel deve ser lida de maneira literal, ou seja, quando o Cristo morre na cruz, ali há a proposta da morte de qualquer Deus metafísico, de forma que o cristianismo marcaria em si uma nova relação com a religião. Na medida em que um homem singular, na figura de Jesus revela a essência absoluta do divino, Ele é o Deus imediatamente presente, de forma que o seu *ser* passou para o *ter sido* de forma que a única forma que se mostra presente é na consciência da comunidade e no que ele representa para a comunidade dos que creem. A partir destas considerações, Žižek afirmará que aquilo que se mostra na efetividade do mundo é o que de fato Deus é na proposta cristã. Para ele, na proposta hegeliana estaria presente uma possibilidade de observar o cristianismo como uma religião ateia.

Žižek deixa bem claro em seu livro *O absoluto frágil* (2015a) que sua proposta visa minar a religião por dentro, isto é, o que ele procurará evidenciar serão as suas incongruências dentro da própria religião, ou seja, para além de tentar mostrar que a religião seria apenas “ópio do povo”, (Marx) ou “projeção humana”, (Feuerbach) ou “ilusão a ser superada”, (Freud), Žižek tentará mostrar que, se caso levarmos a religião a sério isso nos conduzirá a erros catastróficos.

Em dois de seus livros, *O sofrimento de Deus* (2015b) , e *A monstruosidade de Cristo* (2014) Žižek enfatizará a noção de que o legado cristão passaria muito mais por uma crítica a posições fundamentalistas e da Nova Era do que pela sua assimilação. Žižek lê o cristianismo como a religião que oferece o Cristo como indivíduo mortal-temporal e insiste na crença no acontecimento temporal da encarnação como única via para a verdade e a salvação eterna. Como ele afirma, na encarnação,

O que realmente as amedronta é o fato de que com isso, perdemos o Deus transcendental que garante o significado do Universo, o Deus como Mestre oculto que manipula os fios - em vez disso, temos um Deus que abandona essa posição transcendente e se atira em sua própria criação, envolvendo-se nela totalmente até morrer, de modo que nós, seres humanos , perdemos o Poder superior que nos observa e somos deixados apenas com o terrível fardo da liberdade e da

responsabilidade pelo destino da criação divina, e, desse modo, do próprio Deus.<sup>14</sup>

Para Žižek, o cristianismo seria a única religião que teria sido capaz de desantropomorfizar Deus ao fazê-lo coincidir com o homem na encarnação. Neste sentido que Žižek entenderá a caridade cristã como frágil, algo que se deve readquirir a cada vez. Segundo Žižek, “A morte de Cristo não é o mesmo que a morte do deus pagão, ao contrário, ela designa uma ruptura com o movimento circular da morte e do renascimento, a passagem para uma dimensão totalmente diferente, a do Espírito Santo.”<sup>15</sup>

Cristo como mediador faz com que Deus se transforme em Espírito Santo, e ao mesmo tempo faz com que o homem também se torne algo novo. Deus se torna Espírito Santo e a comunidade humana se eleva também a essa condição. Neste sentido, Deus não é nada senão o Espírito Santo da comunidade de crentes. “Cristo tem de morrer não para permitir a comunicação direta entre Deus e a humanidade, mas porque não há mais nenhum Deus transcendente com quem se comunicar.”<sup>16</sup>

Esse ponto de Žižek é bem interessante para entender em que medida Cristo se torna uma figura de exemplo ético e do cristianismo como um legado pelo qual vale a pena lutar dentro de uma visão materialista do mundo. No cristianismo, Deus é inteiramente humano, uma pura aparência que jamais pode ser enraizada em uma propriedade substancial que o torna divino. A transcendência não desaparece, mas é tornada acessível. Segundo Žižek,

Cristo não é, assim, “homem mais Deus”. O que nele se torna visível é simplesmente a dimensão divina no homem “enquanto tal”. Então, longe de ser o mais Elevado no homem, a dimensão puramente espiritual à qual todos os homens almejam, a “divindade” é, antes, uma espécie de obstáculo, de “osso na garganta” - ela é algo, aquele X insondável que impede o homem de se tornar plenamente homem, idêntico a si. A questão não é que, devido à limitação de sua natureza mortal e pecadora o homem nunca possa se tornar plenamente divino, mas que, devido à centelha divina que há nele, o homem nunca possa se tornar plenamente homem. Cristo como homem = Deus é o caso único de plena humanidade (Ecce homo, como Pôncio Pilatos disse à multidão que exigia o linchamento de Cristo). Por essa razão, após sua morte, não há lugar para qualquer Deus do Além: tudo o que resta é o Espírito Santo, a comunidade de crentes na qual a aura insondável de

---

14 ŽIŽEK; MILBANK, *A monstruosidade de Cristo: Paradoxo ou dialética*, p. 36.

15 ŽIŽEK, *O Absoluto frágil. Ou por que vale a pena lutar pelo legado cristão?*, p. 118 a.

16 ŽIŽEK, *O amor impiedoso. [ou: Sobre a crença]*, p. 34 b.

Cristo passa adiante, uma vez que ela é privada de sua encarnação corporal.”<sup>17</sup>

O cristianismo nega a existência do Grande Outro<sup>18</sup>, ou seja, no cerne da experiência cristã estaria o fato de que o que o Cristo revela não é nada mais que não há nada além do mundo material, ou seja, não há nada, nem ninguém para onde o sujeito possa apelar. O que substitui o Deus transcendente é o Espírito Santo enquanto comunidade imanente dos que creem. Segundo Žižek,

O ponto deste livro é que, no cerne do cristianismo, há outra dimensão. Quando Cristo morre, o que morre com ele é a esperança secreta discernível em "Pai, por que me abandonaste?": A esperança de que exista um pai que me abandonou. O "Espírito Santo" é a comunidade privada de seu apoio no grande Outro. O ponto do cristianismo como a religião do ateísmo não é aquele do humanista vulgar que o tornar-se-homem-de-Deus revela que o homem é o Deus secreto (Feuerbach et al.). Em vez disso, ele ataca o núcleo duro religioso que sobrevive mesmo no humanismo, até mesmo no stalinismo, com a sua crença na História como o "grande Outro" que decide sobre o "significado objetivo" de nossas ações.<sup>19</sup>

Em seu livro *A monstruosidade de Cristo*, Žižek apontará a literalidade da *kenosis* cristã e assimila de forma mais veemente a interpretação hegeliana da encarnação. Cristo é o *monstrum* (monstro), ou seja, a figura excepcional que não pode ser explicado em termos racionais, mas paradoxalmente é sobre aquilo que repousa o racional.

Davis sintetiza de forma magistral a questão da encarnação para Žižek. Segundo Davis,

A diferença é que Žižek toma sem reservas o ato da Revelação de Deus - revelação significa *kenosis* absoluta, depois da qual a transcendência chegou ao cerne do mundo material completamente destituída da proteção que a transcendência garante. [...] para Žižek o mesmo evento indica a realidade de um salto de fé radical, até mesmo kierkegaardiano, sem garantias - o abismo se abre proporcionando as condições de uma vida de liberdade real, no entanto aterrorizante, tanto para Deus quanto para os seres humanos.[...] para Žižek é a coragem de encarar a verdade

---

17 Ibidem, p. 145,146 b.

18 O conceito de grande Outro é um conceito lacaniano que será crucial para Žižek entender em que medida o cristianismo romperia, a partir do conceito de encarnação, com a ideia de algum garantidor da ordem do mundo. Neste sentido o grande Outro lacaniano seria esse suporte que garante alguma ordem social para além do sujeito. A grande aposta de Žižek seguindo os passos de Lacan é evidenciar que não existe grande Outro.

19 ŽIŽEK, *The puppet and the dwarf. The perverse core of Christianity*, p. 171c.

de que a transcendência de Deus, difusa no mundo, nos confronta por meio da monstruosa exceção que funda a verdade de todas as coisas.<sup>20</sup>

Desta forma podemos perceber como que a noção de encarnação se torna central no pensamento de Žižek para uma crítica à religião que culminará em outros escritos em uma crítica política, social, etc. A apropriação que Žižek faz do conceito de encarnação é algo sobre o qual não há nenhum estudo no Brasil. Para nós tal conceito é central para entender a proposta Žižekiana sobre a religião na contemporaneidade.

## REFERÊNCIAS

- AQUINO, Marcelo Fernandes de. O Conceito de Religião em Hegel. São Paulo. Loyola. 1989. (Coleção Filosofia. V. 10)
- Bíblia Sagrada. Tradução de João Ferreira de Almeida. 1999. Editora Vida.
- DAVIS, Creston. Sábado Santo ou Domingo da Ressurreição? Preparando um debate improvável. In A monstruosidade de Cristo: Paradoxo ou dialética. DAVIS, Creston. (org). Tradução de Rogério Bettoni. São Paulo. SP. Três Estrelas. 2014
- HEGEL, Georg Wilhelm Friedrich. Fenomenologia do Espírito. Trad. de Paulo Meneses, com a colaboração de Karl-Heinz Effen e José Nogueira Machado, SJ. Petrópolis, RJ. Vozes, Bragança Paulista: 4 ed. Editora Universitária São Francisco, 2007
- HEGEL, Georg Wilhelm Friedrich. Fenomenologia do Espírito. Trad. de Paulo Meneses, com a colaboração de José Nogueira Machado, SJ. Petrópolis, RJ. Vozes, 2 ed. 1993
- HYPOLITE, Jean. Genese e estrutura da fenomenologia do espírito de Hegel. São Paulo: Discurso Editorial, 1999.
- SILVA, Francisco José da. A trindade na “Fenomenologia do Espírito”. In Comemoração aos 200 anos da “Fenomenologia do Espírito” de Hegel. Eduardo Ferreira Chagas; Konrad Utz; James Wilson J. de Oliveira (orgs.) Fortaleza. Edições UFC. 2007. (Série Filosofia. Vol 6)
- TORRES, Jesús Vázquez. A consciência infeliz em Hegel: significação e presença no pensamento contemporâneo. In Revista *Ágora*. Ano 1. N 1. Jan-Jun 2001

---

20 DAVIS, *Sábado Santo ou Domingo da Ressurreição? Preparando um debate improvável*, p. 28,29.

VIEIRA, Leonardo Alves; SILVA, Manoel Moreira da, Orgs. Interpretações da fenomenologia do Espírito de Hegel. São Paulo. Edições Loyola, 2014

VIELLARD-BARON, Jean-Louis. Comunidade ética e comunidade religiosa na fenomenologia do Espírito. In Hegel, a moralidade e a religião. Rio de Janeiro. Jorge Zahar. 2002 (Filosofia Política. Série III, n 3) Editor. Denis Rosenfield.

ŽIŽEK Slavoj. O Absoluto frágil. Ou por que vale a pena lutar pelo legado cristão?. Tradução de Rogério Bettoni. 1ª ed. São Paulo. SP. Editora Boitempo. 2015a

ŽIŽEK Slavoj. O amor impiedoso. [ou: Sobre a crença]. Tradução Lucas Mello Carvalho Ribeiro. Belo Horizonte. Belo Horizonte. MG. Editora Autêntica. 2012

ŽIŽEK, Slavoj. O mais sublime dos histéricos. Hegel com Lacan. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor. 1991

ŽIŽEK , Slavoj. The puppet and the dwarf. The perverse core of Christianity. MIT 2003

ŽIŽEK , Slavoj. O sujeito incômodo. O centro ausente da ontologia política. Tradução de Luigi Barichello. 1ª ed. - São Paulo. SP. Editora Boitempo. 2016.

ŽIŽEK , Slavoj. GUNJEVIC, Bóris. O sofrimento de Deus. Inversões do Apocalipse. Tradução de Rogério Bettoni. 1ª ed. Belo Horizonte. MG. Autêntica Editora. 2015b

ŽIŽEK , Slavoj. MILBANK, Jonh. A monstruosidade de Cristo: Paradoxo ou dialética. DAVIS, Creston. (org). Tradução de Rogério Bettoni. São Paulo. SP. Três Estrelas. 2014

ŽIŽEK , Slavoj. Menos que nada. Hegel e a sombra do materialismo dialético. Tradução: Rogério Bettoni. São Paulo. Editora Boitempo. 2013